

HOMENS DE GRANDE SAÚDE

Priscila de Oliveira Xavier Scudder*

*Para Ponderar -
Dor dobrada é mais fácil de aturar
Do que uma só dor: – Queres-te arriscar?
NIETZSCHE*

RESUMO

O encontro com as experiências de Fábio Jone de Oliveira, aprisionado na Penitenciária Central do Estado de Mato Grosso e do filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche, acerca da saúde, são grandes coisas que quero introduzir neste lugar de transgressão. Suas narrativas extrapolam as páginas deste texto para adiante, para trás, para a esquerda e a direita, não podem ser contidas. Os indícios, pistas e sinais que deixaram são por mim investigados, pois considero que com elas podemos diagramar a atualidade, o território do isolamento e reafirmar a vontade de potência.

Palavras-chave: Saúde - Vontade de Potência - Friedrich Wilhelm Nietzsche - Fábio Jone de Oliveira.

ABSTRACT

Meeting the experiences of Fábio Jone de Oliveira, imprisoned in the Central Penitentiary of state Mato Grosso, and the philosopher Friedrich Wilhelm Nietzsche about health, are grand things we want to introduce in this place of transgression. Their narratives go beyond the pages of this text, forwards, backwards, left and right, and cannot be contained. With the evidence, clues and signs left behind to be investigated, we can consider a diagram of the present, a territory of isolation, and reaffirm the power of will.

Keywords: Health - Power of Will - Friedrich Wilhelm Nietzsche - Fábio Jone de Oliveira.

Ao tratar de coisas importantes para a vida, como a nutrição, o clima, os afetos e a moral, o filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche introduzia em suas obras o que denominou de “grandes coisas”. É o que desejo fazer, ao trazer as experiências do filósofo e do prisioneiro Fábio Jone de Oliveira para “Transversos”, lugar acolhedor de subversões e território instigante para o trânsito de nômades e proscritos. Suas vidas e narrativas, não podem ser contidas pela

* Profa. Dra. Departamento de Educação UFMT/CUR - aprisxilaxavier@gmail.com
Transversos, Rio de Janeiro. v. 01, n. 01, fev. 2014, p. 27-45 | www.transversos.com.br

linguagem, entretanto, apesar de começarem antes das páginas e primarem pelo transbordamento para além do texto, conseguem deixar um rastro singular para pensarmos existências que recorrendo ao uso violento e desmedido da força, ao esgotamento e ao sacrifício extremo do corpo, defendem a experimentação e a potencialização da vida.

Estes homens não prezam o óbvio, recorrem a aforismos, parábolas, a ironia, à gíria e ao sarcasmo. Suspendem a fala quando bem entendem e oferecem em troca um gesto, substituem a palavra pelo suspiro, pelo olhar, pelo silêncio, inventam códigos constantemente, pois sabem que estas são táticas de auto preservação que não podem ser capturadas nomeadas, classificadas, tampouco traduzidas.

Uma das motivações que me conduziu aos prisioneiros, à Nietzsche, e a compor uma escrita “com eles”, foi a volúpia. Considero este estímulo uma boa maneira de escapar “ao excesso de compreensibilidade conceitual, à racionalidade estéril, à rígida codificação da existência, ao risco de tornar indigno aquilo que nos acontece” (DELEUZE, 1992: p.138).

Escrevo, entre outras coisas, para tirar de cima de mim a enormidade de angústia com que a prisão me vestiu, escrevo na esperança de encontrar ouvidos sensíveis, no entanto, entendo que escolham manter-se longe deste edifício, dos prisioneiros e de suas histórias.

Penso agora, que a escrita seria – quem sabe –, a linha para além do saber, a linha que preciso curvar para sobreviver a ela mesma e as linha-prisão, linha-Nietzsche, linha-Fábio, linha-General-LSP, linha-PCM, linha-WC, e todas as demais linhas que me perpassam. Sim, apenas dobrando-as posso sobreviver, pois concordo com Deleuze (1992: p.138), que

Essa linha é mortal, violenta demais e demasiado rápida, arrastando-nos para uma atmosfera irrespirável. Ela destrói todo pensamento (...). Seria preciso ao mesmo tempo transpor a linha e torná-la vivível, praticável, pensável. Fazer dela tanto quanto possível, e pelo tempo que for possível, uma arte de viver. Como se salvar, como se conservar enquanto se enfrenta a linha? (...) Curvar a linha para conseguir viver sobre ela: questão de vida ou morte.

A volúpia, o desejo, nascidos do emaranhado novelo das forças discursivas em luta no espaço de minha vivência e das vivências dos prisioneiros, foram a mola propulsora para a composição desta escrita sobre a atualidade, mas houve ainda um outro fio que fez com que este novelo pulsante se emaranhasse e se tencionasse mais e mais. Falo da obra de Friedrich Nietzsche. Gostaria de apresentá-lo, mas é tarefa inglória, impraticável. O próprio filósofo adverte sobre esta impossibilidade: “Quem acreditava ter entendido alguma coisa do que era meu, formou naturalmente uma imagem da minha pessoa a seu modo, quicá precisamente o contrário do que eu sou” (NIETZSCHE, 2002: p. 68). Posso, contudo, falar do Nietzsche que Transversos, Rio de Janeiro. v. 01, n. 01, fev. 2014, p. 27-45 | www.transversos.com.br 28

ressoa e significa em mim, aquele que existe apenas entre as linhas que me atravessam.

Dentre tantos Nietzsche, falo aqui sobre o único que conheço. Ele, “o meu” Nietzsche. A dificuldade em falar sobre Nietzsche reside, no fato dele possuir um complexo vocabulário final, vocabulário este definido por Richard Rorty (1994: s/p), como

um conjunto de palavras que todos os seres humanos empregam para justificar seus atos, suas crenças ou convicções e sua vida. Trata-se das palavras com que formulamos elogios a nossos amigos e desprezo por nossos inimigos, bem como nossos projetos de longo prazo, nossas dúvidas mais profundas sobre nós mesmos e nossas mais altas esperanças. São as palavras com que narramos ora em caráter prospectivo, ora retrospectivamente, a história de nossa vida.

Rorty (1994: s/p), classifica Nietzsche como um filósofo ironista e sugere que para tais filósofos “não há nada mais importante que redescrever a si mesmo”. Isto porque um ironista “quer poder resumir sua vida em seus próprios termos”.

Como falar de alguém obstinado em retirar a autoridade de qualquer discurso alheio sobre si, de que maneira elaborar uma escrita sobre um perspectivista que evidencia que a interpretação de um evento está circunscrita às necessidades históricas? É Rorty quem indica novamente que

Nietzsche ... ao se imaginar no papel do “último filósofo” tentou... escrever algo que torne impossível a pessoa ser redescrita, a não ser em seus próprios termos – que impossibilite sua transformação num elemento do belo padrão de outra pessoa, em mais uma coisinha... impossibilita que qualquer pessoa o julgue por outro oposto (1994: s/p).

Ao ouvir as histórias dos prisioneiros, me deparo com esta mesma dificuldade. Apenas o vocabulário que constroem em seu cotidiano é capaz de conferir vitalidade às suas vidas e narrativas. O discurso acadêmico tradicional, erudito, não possui os signos necessários para falar de um mundo marcado pela afetividade. É o grito, o silêncio, o medo, sentidos, por exemplo, no momento de deflagração de uma rebelião, é a gíria que se renova a todo instante, que melhor traduzem este universo.

Há ainda outras aproximações entre os prisioneiros com os quais me encontrei e Nietzsche, uma delas, diz respeito ao modo como lidam com a saúde. No primeiro capítulo de “Ecce Homo: Por que sou tão sábio”, o pensador afirma que nos períodos em que mais débil se encontrava sua saúde reafirmou seu desejo de tomá-la em suas mãos: Diz ele:

Eu mesmo me tomei pela mão, eu mesmo voltei a me tornar são: a condição para isso – não há psicologia que não o reconheceria – é que ao cabo de contas a gente seja saudável. Um ser tipicamente mórbido não pode vir a se tornar são e muito menos vir a se tornar são por sua própria conta.... eu fiz de minha vontade para a saúde, para a

vida, a minha filosofia... Pois é preciso que se dê atenção a isso: os anos em que minha vitalidade foi mais débil foram os anos em que deixei de ser pessimista: o instinto do auto-reestabelecimento me proibiu uma filosofia da miséria e do desânimo... E é nisso que se reconhece, no fundo, a vida-que-deu-certo. Um homem bem educado... Ele adivinha meios curativos contra lesões, ele aproveita acasos desagradáveis em seu próprio favor; o que não acaba com ele, fortalece-o. (NIETZSCHE, 2003. p. 25-26)

A disposição por tomar o governo do próprio corpo, para a invenção de novas possibilidades de vida, o domínio de si, o conjunto de intensidades que compõem o meu Nietzsche, pode ser vislumbrados em alguns prisioneiros.

Conheci Fábio Jone de Oliveira em dois mil e oito, tinha ele trinta e três anos de idade. Não lhe pedi uma entrevista, não entabulei qualquer conversa, nem mesmo desejava “entrevistá-lo”. Algo em sua aparência, em seu jeito de andar, seu olhar, me irritava. Suas roupas de tamanho grande, bem acima da medida, lhe conferiam um ar monstruoso. Encontrei-o uma vez apenas e todo tipo de impressão ruim se manifestou. Era um desses “casos em que o encantamento se mistura ao nojo”. (NIETZSCHE, 2005: p. 57).

Fábio era um homenzinho que, a primeira vista – e desatentamente –, não possuía muitos atrativos físicos; tinha pouca estatura, origem nordestina, sotaque marcado – apesar dos muitos anos longe das inflexões linguísticas características de sua região –. Era capaz de ficcionar grandes períodos de sua vida, quicá toda ela, e após algum tempo, ou mesmo subitamente, decidir por outra versão.

O talento para compor complexos e detalhados cenários e personagens, era fruto da disposição para o teatro e para a transfiguração, de um homem possuidor de um espírito com grande potencial para a ação criadora, dado à repentes, ao improvisado, mas também da determinação em não permitir que os dispositivos de enfraquecimento lhe calassem a imaginação.

Sobre as versões de sua vida que ofereceu, todas eram verossímeis, guardavam enredos sedutores, não permitiam conclusões, tampouco julgamentos. Saber se suas ações eram boas ou más, não foi e não é, de fato, importante, afinal

que importa nas ações é a sua genealogia, não exatamente as suas causas e finalidades, que são secundárias. As ações têm origem na força transbordante que se manifesta no prazer, ou, ao contrário, na força inibidora do sentimento de poder. (SOBRINHO, 2009: p. 47).

Todo potencial criador, a força transbordante que marcava as ações de Fábio, não escondiam os tantos Fábios que o habitam e que dava a conhecer. Um deles lembrava um personagem composto e descrito por Dostoiévski (2008: p.13), que se apresentava da seguinte

maneira:

Não apenas não consegui tornar-me cruel, como também não consegui me tornar nada: nem mau, nem bom, nem canalha, nem homem honrado, nem herói, nem inseto. Agora vivo no meu canto, provocando a mim mesmo com a desculpa rancorosa e inútil de que o homem inteligente não pode seriamente se tornar nada, apenas o tolo o faz. Sim, senhores, o homem... que possui inteligência tem obrigação moral de ser uma pessoa sem caráter; já um homem com caráter, um homem de ação, é de preferência um ser limitado. Essa é minha convicção aos quarenta anos. Tenho agora quarenta. E quarenta anos é toda uma vida, é a velhice mais avançada. Depois dos quarenta é indecoroso viver, é vulgar, imoral!

Havia vezes em que Fábio ficava dias sem banho, trocava os chinelos por drogas, ficava semanas a andar descalço, jogava-se sobre a jega e lá se prostrava. Nada parecia lhe interessar, não havia ofensa que o fizesse reagir. Dava a impressão de ser um indigente e inspirava piedade. Mas, após esta imersão que o levava a lugares inomináveis e desconhecidos, lugares que transformavam seu rosto já tão marcado, repentinamente transfigurava-se, incorporava uma outra vida, uma entidade (?), e surgia com novas histórias que o colocavam subitamente em ação e em destaque na história do sistema prisional.

Quantas vezes reconstruiu seu passado na prisão, contando como havia sido respeitado por toda cadeia, mesmo que tudo a sua volta testemunhasse o contrário. Parecia fazer parte das paredes de sua cela, como se estivesse pregado a cada marca ali registrada. Sua história se misturava a própria história do sistema prisional. Ele mesmo diz:

Três presos tentaram me matar com estilete, pedaço de ferro de cama... Aí que eu fui transferido pra Mata Grande. Mata Grande digamos que foi uma recepção calorosa. O dia do tudo ou nada. Foi porque, foi onde o pessoal que tava lá queria conhecer o cara que atirou no outro no Carumbé. E aí foi o dia pior da minha vida, onde eu fiquei com a minha vida nas mãos deles. Eles queriam saber por que eu tinha me tornado um justiceiro. Eu fui levado pra dentro do Raio I, foi onde eles decidiram que me matar não seria a forma deles cobrar o que eu tinha feito dentro do presídio Carumbé e muitos torceram pra que me matassem. Até eu falar que eu não tive escolha. Eles ficaram quase quatro horas decidindo se me matava ou não. Até que eles resolveram me dar uma chance. Eu esperei com medo, o medo tava na flor da pele; o medo é uma coisa horrível, o medo é o último estágio do homem. (...). Hoje eu não tenho medo de morrer, antes tinha. Porque hoje eu entendo a vida como ela é e todo mundo vai, sem pano! Eu acho que tem vida após a morte. Eu acho que você morre quando Deus quer. Quando você morre matado ou acidentado você fica numa esfera até a hora que Deus quer. Pro exemplo, quando você morre numa cadeia, você não morre, fica vagando por aí até chegar a hora. Lá na Mata Grande eles tavam só esperando uma oportunidade que eu desse uma mancada. Aí um certo dia ia morrer sete. Um dia de quarta-feira. Ia ser o dia da cobrança dentro do sistema. Era o dia que tinha se encontrado um pessoal que já tinha aprontado no sistema também, e parou todo mundo na mão do pessoal da Mata Grande. E pior que dos sete um era eu. (...) Foi uma cobrança não foi uma rebelião. A rebelião na maioria das vezes é para reivindicar nossos direitos, a cobrança é o limpa da cadeia. Mata quem tem que matar e tira os inimigos do nosso meio.

Este homem conhecia o funcionamento da cadeia, sua vivência o tornara sensível para Transversos, Rio de Janeiro. v. 01, n. 01, fev. 2014, p. 27-45 | www.transversos.com.br 31

identificar a autoria dos eventos que lá se desenrolavam, as ligações entre os grupos, as conveniências, as tréguas, os conchavos, os momentos de guerra. A narrativa de sua vida é, entre tantas coisas, a expressão de um saber via de regra silenciado. Estas vidas são aqui ouvidas porque como Nietzsche (2009: p. 264, 268),

eu considero os criminosos, condenados e não condenados, como homens com os quais se podem fazer experiências. Proteção, não aperfeiçoamento, não punição! (...) Extrair um ensinamento dos maus e dar a eles também a possibilidade de lutar. Servir-se dos degenerados. - Este deve ser o direito que dá a punição, poder utilizar o criminoso como objeto de experiência.

Proponho então que continuemos a servirmo-nos dos ensinamentos de Fábio:

PCM foi um dos caras que mais queria me matar na Mata Grande. Na época ele era um dos líderes, ele tava no conselho. Quem morreu foi o Paquinha, Teobaldo, vulgo Goianinho, Sadia e o Jesuíta. Morreram com faca artesanal. Esse dia foi sangrento. Só o Raio II. Na real aí foi jogo da polícia. A polícia botou inimigo para se encontrar. Tipo: vocês se matam aí depois a gente normaliza. Na verdade para mim isso foi patifaria da polícia.

Todo aprendizado adquirido, vivido meticulosamente ano a ano, o diagrama da prisão que construiu e mantinha em sua mente, só foi possível ser diagnosticado e percorrido porque nele já ressoava o que Jean Genet (1983) denomina de pendor para a abjeção. Permitamos que ele revele o modo como este pendor desenvolveu-se prematuramente:

Meu primeiro crime eu ia fazer meus doze anos, eu tinha uns onze e meio, aí eu conheci a Adriana na 5ª série no Colégio José Virgílio de Lima, o Colégio da Palmeira, lá que a gente passou a nossa infância, eu estudei lá desde a primeira até a sexta série. Na quinta série eu comecei a namorar a Adriana, eu já fumava droga e eu comecei a ensinar ela usar droga. Viu como eu já era mau elemento? Aí um dia eu fui namorar ela numa quebrada lá em Jenipapo, um município pequeno, uma curruetela, só com uma rua, com casa de um lado e de outro. Daí eu parei em frente uma chácara. Eu fiquei brincando, levantei ela, fiquei fazendo zoadas, subi na árvore, tirei fruta e ninguém saiu dessa casa. Subi em uma árvore e vi que ninguém saía dessa casa, tudo começou foi aí meu! E aí que eu fiquei fazendo zoadas e ninguém aparecia aí eu falei com a menina: - parece que não tem ninguém nessa casa vamos entrar? Foi aí que tudo começou. Aí eu fiz esse convite aí! Eu entrei dentro da casa, comecei a mexer em tudo, não aparecia ninguém, aí eu comecei a pegar tudo, foi meu primeiro roubo, 155 e eu não precisava disso. A menina ficou tipo assim com medo e pediu para que a gente viesse embora. Aí eu respeitei a vontade dela, trouxe ela para Campina Grande e daí eu voltei com um cara chamado Fábio, outro Fábio, que era um cara que morava na esquina de casa. Quando a gente era criança, a gente tinha um grupo de funk, a gente era funkista. Eu era um jovem. Tá uma criança desinfetada. Uma criança levada, mas uma criança (...) Quando eu voltei com o Fábio eu voltei com uma pick-up e colocamos tudo em cima. O pai do Fábio não sabia de nada, mas o Fábio já fazia parte da galera do mal, era funkista. A gente tinha a mesma idade...

As forças presentes e em luta no discurso de Fábio sugerem que não foi necessário nenhum grande evento, um trauma, ou a pobreza para que seus instintos “degenerados” se manifestassem e desejassem não os objetos da casa, mas a “abjeção” do ato: entrar na casa, remexer os pertences, invadir o espaço proibido, esperar ser descoberto ou se “safar”

grandiosamente.

A este respeito Jean Genet (1983: p. 13) informa: “A minha aventura, que nunca foi comandada pela revolta ou pela reivindicação, não terá sido até hoje mais do que uma longa cópula, complicada, pautada por um pesado cerimonial erótico”.

Em uma primeira tentativa, digo que as forças presentes nas narrativas dos prisioneiros desejam, intencionalmente, nos fazer compreender que as experiências interpretativas sobre os homens ordinários até agora foram falhas, posto que sobre elas impusessem limitantes explicações morais. Contudo, estas forças podem por um lado oferecer uma satisfação moral aos leitores destas vidas e por outro, jogar, brincar, com a moral dando-nos as confissões que precisamos ouvir; mas dizem ainda de maneira cínica uma grande coisa, qual seja, a decadência me atrai, me contenta, me apraz.

Tanto o discurso da moral cristã que nos oferece a ilusão de um poder maior a controlar, ou no mínimo punir estes homens vingativos e sua “torpeza de caráter”, quanto à ciência com seu obsoleto discurso frenológico, com as terapêuticas da psicologia e as drogas da psiquiatria não são capazes de lançar perspectivas inteligentes e razoáveis sobre estas existências que descrevem com poesia a sua fealdade

Sou um homem doente... Sou mau. Não tenho atrativos. Acho que sofro do fígado. Aliás, não entendo bulhufas da minha doença e não sei com certeza o que me dói. Não me trato, nunca me tratei, embora respeite os médicos e a medicina. Além de tudo, sou supersticioso ao extremo; bem, o bastante para respeitar a medicina. (Tenho instrução suficiente para não ser supersticioso, mas sou.) Não, senhores se não quero me tratar é de raiva. Isso os senhores provavelmente não compreendem. Que assim seja, mas eu compreendo. Certamente não poderia explicar a quem exatamente eu atinjo, nesse caso, com a minha raiva; sei perfeitamente que, não me tratando, não posso prejudicar os médicos; sei perfeitamente bem que, com isso, prejuízo somente a mim e a mais ninguém. Mesmo assim se não me trato, é de raiva. Se o fígado dói, que doa mais. Faz muito tempo que vivo assim – uns vinte anos. Agora estou com quarenta (DOSTOIEVSKI, 2008. p. 12).

Ora, homens decadentes não dão margem a que outros vocabulários os descrevam, esta é uma constatação a que cheguei ao encontrá-los. Suas ações são repletas de signos que não permitem decifração, estão ali porque ali deveriam estar como componentes da vontade de potência de vidas que afirmam a todo instante sua forma de existência. O que dizem, dizem em uma linguagem própria, que não permite conclusões. São como uma novela de Kafka, com muitas possibilidades de fim, ao critério do leitor. Lançamos sobre elas perspectivas, concordamos ou não, mas é improvável desvendar suas motivações e elaborar um veredicto.

Voltando a Fábio, ele não era tão somente um decadente. Determinadamente insistia

em ser ouvido e ter sua narrativa registrada. Dizia – mesmo passado tanto tempo desde nossa primeira conversa – que lutou muito prá poder contar sua história. À seu respeito poderia acrescentar: “Eis um homem que nunca age senão devido a razões secretas; pois ele tem sempre a boca cheia de razões e lhas oferece quase que às mãos cheias”. (NIETZSCHE, 2006: p. 132)

Sim, era um homem de ação, mirabolantes ações, com fascinante capacidade de prender a atenção de qualquer ouvinte com a narrativa de suas vivências. Começou dizendo que estava preso há treze anos e que ninguém em sua família o visitava, que estava para morrer e que desejava contar-me sua história, pois após sua morte sua mãe poderia ler “minha história” sobre ele, e finalmente saber quem era. Não me engano ao dizer que inicialmente desejava se redimir, mas seu intento, assim como as diversas versões sobre seu ingresso no crime, foi mudando ao sabor da leveza e fluidez de sua imaginação prodigiosa. Sobre o primeiro homicídio que praticou, ele dá a seguinte versão:

Meu primeiro homicídio foi em Campina Grande. Foi quando eu descobri que meu irmão foi abusado sexualmente por um cara chamado Zé Paciência, dono de uma panificadora em uma cidadezinha chamada Lagoa Seca. É uma cidadezinha à 110km de Campina Grande. Duas horas e meia de viagem. Na verdade eu trabalhava num supermercado de pacoteiro, era uma criança também, tinha uns onze anos. Aí é que tá a história, nem minha irmã, nem meus irmãos nunca souberam. E o que eu vou falar com você eu nunca falei prá ninguém, porque fui eu que apresentei esse cara para meu irmão. Se eu pudesse voltar o tempo eu fazia igual o super-homem com a Louis Lane. Na real é o seguinte ó: Eu conheci esse cara eu tinha uns dez anos. Na época eu trabalhava numa banca de fruta, e ele era um coroa de mais ou menos uns sessenta anos. Esse cara começou a me elogiar e mandar presentes prá mim, mas eu não sabia na verdade qual era a dele. Eu fiquei com amizade com ele mais ou menos um ano, até levar ele em casa e apresentar prá minha mãe. Foi aí que ele conheceu meu irmão. Ele começou a dar presentes também para o meu irmão. A primeira bicicleta que ele teve foi ele que deu. Eu não tinha nem noção do perigo. Eu fui, um dia meu irmão foi e me disse que ele tinha mexido com ele. Mas eu não tinha nem noção do que era. Eu perguntei: - Mexeu em que? Como? Aí ele me disse: Ele transou comigo. Depois disso ele nunca mais foi normal. Aí eu fui até Lagoa Seca, a cidade onde o velho morava, levei ele prá quebrada e matei ele. Eu e um guri de doze anos. Mas isso nunca deu nada. Nunca descobriram, e meu irmão nunca contou nada prá ninguém. Matei com paulada, pedrada, fogo. Torramo o cara todinho. O cara que tava comigo era pior do que eu, já tinha sido preso nos infrator de menor. (...) Eu na verdade quando levei o velho prá quebrada eu não pensava que ia acabar em homicídio. Eu pretendia judiar porque ele judiou do meu irmão psicologicamente, mas aí o cara começou se alterar, o Dagmar, ele disse que tinha que matar. Na verdade comparado com o PCM eu não me considero um matador, eu sempre matei em legítima defesa. Minha família sempre me achou certinho... Não. Minha mãe achava certinho não. Ela via que eu tinha muita facilidade prá ganhar dinheiro. Esta foi a primeira loucura em toda minha vida. Quando eu vi eu já tinha feito.

Fábio não apenas sugeria que suas ações no crime – em especial os homicídios –, sempre foram praticados em legítima defesa, como possuía uma convicção inabalável de que nenhum outro motivo poderia haver. Sem desejar praticar “o crime de tratar o criminoso como patife”, de retratar um Fábio despossuído do direito e de ferramentas intelectuais que lhe permitiam pensar suas práticas e decisões, lembro a voz de Nietzsche em “Escritos Sobre Direito” quando o

pensador põe sob suspeita o modo como a sociedade e o Estado têm feito uso deste artifício jurídico, qual seja o de legítima defesa:

Quando se admite de uma maneira geral a moral da legítima defesa, seria preciso admitir também quase todas as manifestações do egoísmo dito imoral: pratica-se o mal, rouba-se e mata-se para garantir a autoconservação ou a autoproteção, para evitar um desastre pessoal; mente-se todas às vezes em que a astúcia e a dissimulação constituem o meio adequado de garantir a autoconservação. Aceita-se o fato de que lesar intencionalmente é moral, quando se trata da nossa própria existência ou da nossa própria segurança [conservação do nosso bem-estar]; o próprio Estado adota este ponto de vista para usar de rigor quando prescreve as penas (2009: p. 168-169).

Ora, as circunstâncias determinantes de uma existência, fazem necessariamente que hajamos em legítima defesa. As forças que sacodem e fazem pender nossas vivências ao sabor dos instintos exigem prazer, não nos oferecem liberdade para optar pela insatisfação. É Nietzsche, quem mais uma vez nos oferece uma perspectiva intrigante para pensar o tema:

Porém, quando se castiga ao mesmo tempo e do mesmo modo o passado de um homem, ou se lhe recompensa (...), dever-se-ia retroceder mais ainda e castigar ou recompensar também a causa deste ou daquele passado, quer dizer, os pais, os educadores, a sociedade, etc.; em muitos casos, veríamos então os juizes participando de uma maneira ou de outra na culpa (2009: p. 168-169)

De fato, o criminoso, assim como outro homem qualquer, encontra-se sob a ditadura da existência e das circunstâncias determinantes desta. Ora, poderiam argumentar (em especial os juristas), sobre seu direito de escolha, ou mais comumente sobre o livre-arbítrio, mas para tal seria preciso acreditar na eficácia incontestada das ferramentas de controle da moral cristã.

A questão das circunstâncias determinantes se distancia diametralmente das relações corriqueiras que vinculam pobreza e etnia à criminalidade. As circunstâncias determinantes são absolutamente processadas no corpo de cada um, neste espaço único, nesta grandeza que lê e digere as experiências de maneira também única. Deste modo, o poder, quem sabe mesmo a opressão das circunstâncias sobre a vida, extrapola os limites das condições materiais.

Ao evocar o livre-arbítrio nos julgamentos – ideia comumente vinculada à de legítima defesa –, a maquinaria jurídica reduz a vida ao simples exercício de dizer sim ou não. Encobrem ou ignoram que as variações de caminhos ofertadas são da mesma ordem que a variação de nossas vivências e que estão nelas circunscritas, portanto fora delas – destas vivências determinantes –, não há possibilidade de outra ação. Age-se assim porque assim se pode agir.

Convém pensar com Nietzsche

Como ocorre que cada execução nos ofenda mais do que um assassinato? Isto vem da frieza dos juizes, dos preparativos do suplício, da ideia de que há aí um homem que é utilizado como um meio para intimidar os outros. Pois a culpa não é punida, ainda que houvesse culpa: esta se encontra nos educadores, nos pais, no meio, ela está em

nós, não no assassino – estou me referindo às circunstâncias determinantes (2009: p. 168).

Fábio obrigou muitos a evocarem seu nome através de todo tipo de artimanha, esbravejava seu desejo de vingança, sua desconfiança quanto aos objetivos da justiça, e sobre a eficácia do aprisionamento. Sua revolta diante do tempo passado no isolamento, do lugar de onde nunca saiu – mesmo após cumprida a punição recebida –, permite que as forças gritadas em sua narrativa deem testemunho dos recursos que lançamos mão para dissimular de um lado o caráter moralista do discurso judiciário e de seus dispositivos punitivos e por outro os objetivos “(i) morais” que lhes dão vida.

Sobre a ineficácia do aprisionamento, Nietzsche (2009: p. 190), reflete que:

Conserva-se o criminoso na prisão até que... “sua pena seja purgada”. Absurdo! Até que ele não alimente mais sentimentos hostis contra a sociedade! Até que ele não tenha mais a intenção de se vingar, inclusive da sua pena! Mantê-lo o máximo de tempo possível seria: 1] crueldade; 2] desperdício de uma energia que poderia ser ativada a serviço da sociedade; 3] correr o risco de torná-lo vingativo, já que ele sentiria nisso uma dureza supérflua, portanto uma degradação moral.

O homem com quem me encontrei: pequenino, forte, raivoso, ora vergado pela doença, ora triunfante sobre ela, trazia marcadas à ferro em seu corpo as provas cabais desta ineficiência. Sua força narrativa, o ódio, a raiva, o desprezo, o ressentimento que faziam seu corpo sacudir em lágrimas, apontavam para a disposição em se tornar herói das trajetórias que artisticamente criava para sua vida. Após anos ao seu lado como escriba, me pergunto e respondo – recorrendo à Nietzsche (2006: p. 168-169.) “– O que é que torna heroico? Ir ao mesmo tempo para o encontro da sua suprema dor e da sua suprema esperança”.

De fato, tudo em Fábio provocava espanto, em especial sua guerra com a doença/ saúde, seus êxtases de felicidade quando recorrendo à drogas (medicinais ou não), obtinha alívio das dores que lhe acometiam, assim como seus gritos de dor que ecoavam ala à fora, mas não dobravam sua resistência.

Alguns personagens assustam por sua perspicácia, parecem perscrutar a vida, ouvir-lhe cada batida, sabem que diante de certas configurações retroceder não é uma opção.

Confiou-me sua história. Diz que tenho seu aval para escrevê-la como quiser. Uma tarefa difícil, impraticável. O Fábio sobre o qual falo, é apenas aquele que percebo, mas percebi tantos! Ele se mostrou de maneiras inesperadas, apresentou-me a muitos Fábiois... Narrou sua história em um tempo criado e contado em seu corpo, em sua respiração, nos furúnculos de sua pele. Relatou-a como platôs e fluxos, iniciando pelos últimos eventos, com tantas idas e vindas, que

não havia como enquadrá-la em qualquer sequência que não a que escolheu. Cada parte absolutamente verossímil, inteligível e “coerente”. Havia dias em que resolvia acrescentar um e outro acontecimento, corrigir alguma coisa, oferecer mais detalhes sobre suas vivências. Não posso escrever sua história como quiser, não sem ele, sem respeitar as interrupções, os intervalos ou as avalanches de eventos que decidia narrar de um só fôlego.

Era um homem que desafiava aqueles que constituíam um saber sobre ele, que o nomeavam. Do alto de seu esgotamento físico inquiria os dados informados nos formulários, livros de ocorrências e de punições, relatórios psicossociais, a utilidade e a forma como os medicamentos lhe eram ministrados, a inoperância e morosidade do judiciário e a ação de agentes e policiais. Ainda hoje seu relato se constitui em uma declaração de guerra e de amor, em um esforço para não ser confundido, em expressão artística, em corpo, em carne que se fez verbo.

Fui – desde nosso primeiro contato –, empurrada para histórias até então caladas em um canto escuro nos jardins de sua memória. Histórias que hoje também estão assentadas amorosa e ruidosamente em um banco iluminado nos jardins de minhas memórias. Compartilhadas, aproximadas por vivências semelhantes, alimentadas de um mesmo prato cozido, lentamente, em um caldeirão de normas, disciplinas, isolamento, revolta e quem sabe por quantas experiências mais.

Escrever sobre este personagem-autor, que narra sua vida com sangue, demanda a construção de um texto que deixe os ruídos desta existência vibrar em seu próprio ritmo, ora na algazarra, ora na pasmaceira, ora no cume de um monte, ora embaixo de águas profundas. Para tal leio teimosa e repetidamente sua narrativa, cartas, bilhetes, seu corpo: os furúnculos, as tatuagens, cortes de cabelo, as lágrimas, o movimento de pés, mãos, cabeça, silêncios, a saliva que se acumula ressecada nos cantos dos lábios que se abrem para a enxurrada de relatos que me entrega. Visito, toco os espaços deste personagem recorrendo a todas as práticas e sinais inscritos em seu corpo.

O corpo deste homem é versado na arte da transfiguração. É portador de uma flexibilidade que o agiganta, tamanha é a velocidade com que foge das codificações, com que impede que juízos, mesmos os mais provisórios, se estabeleçam. Ao transfigurar-se como o ator-comediante dos próprios acontecimentos, ele aponta para outra de suas “habilidades”, a de dizer sim ao mundo tal como ele é, mesmo que o mundo em questão seja o da prisão. Percebo em Fábio algo de dionisíaco que o leva a ultrapassar a dimensão do vulgar, a narrar suas

vivências com distinção e beleza e experimentar criativamente a vida.

Fábio possui a arte do estilo, consegue em seu relato comunicar um estado da alma, ele não define seus personagens, suas transmutações, ele vive, experimenta o que vive e narra tudo concomitantemente. Transmuta-se e relata suas experiências apaixonadamente, acima e abaixo da paixão sublime. Não se aprisiona no ressentimento. É sim um homem ressentido, mas é também um dançarino, um cantor, um poeta. O ressentido que o habita, apesar de forte, é nada mais que um dos vários Fábio do qual se desprende sem hesitação e apego para mostrar os inúmeros tipos em seu interior, a destituição do eu pela legião, pela duplicação, pelas múltiplas possibilidades, pela comunicação de vivências incomuns. Como Nietzsche, Fábio através da escrita de sua vida diz: eu sou tal e tal “um, nenhum, cem mil”, não o que consta nos arquivos institucionais. Em sua narrativa encontram-se muitos e variados Fábio.

O relato de Fábio é o acontecimento Fábio ou vários acontecimentos Fábio.

Fábio tem agora o corpo coberto pelas cicatrizes purulentas com que o HIV lhe marca. Sua pouca estatura parece assustadoramente triplicada. Condições que não lhe roubam os sonhos, mas o faz aceitar resolutamente as batalhas que ainda precisa travar. Os cabelos estão ralos, a fala é confusa, de difícil entendimento, graças a um acidente vascular cerebral e ao progresso da leishmaniose visceral. Seu aspecto enoja os estômagos fracos. A comida escapa-lhe pelo nariz assim que ingere, de igual modo, suas funções urinárias e intestinais não atendem mais a qualquer comando. O sotaque nordestino continua bonito e limpidamente carregado.

Ao olhar para seu corpo, tocar em suas mãos, perceber o modo como insiste que eu escute seus planos tão vívidos e contagiantes, sinto que estou ao lado de alguém que aprendeu e ensina que a ferida ou a convalescença deve ser querida no rigoroso sentido do ensinamento de Zaratustra: *transformar todo* “Foi assim” em um “Assim eu o quis!”.(NIETZSCHE, p. 115, s/d)

Continua proferindo um “vocabulário final”, pronunciado com ira, mágoa, revolta, humor, sempre acompanhado de um gestual ameaçador. As lágrimas acompanham seus gestos e escorrem de seus olhos em volume cada vez maior, caudalosamente, como que sincronizadas com a força das palavras. Disse-me: “Sou um homem doente. Tenho nojo de passar as mãos em meu corpo quando tomo banho. Faz uma pá de tempo que tô em guerra com a doença. Mas eu já tô conhecendo ela.”

Sobre sua estratégia para lidar com a doença afirma:

Eu assumi o HIV porque eu vi outro preso assumir e ir embora. Mas comigo! Eu nunca vi um caso não ter justiça! Eu tô chato cara! Tô cansado desse quadradinho. Na

verdade eu nunca tomei esse coquetel. Eu sei o efeito do “atazanavírus” porque eu tomei ele há muito tempo. Às vezes eu acho que eu não tenho AIDS. Toda vez que eu fiquei forte foi porque eu soltei a droga, não porque usei a medicação.

Fábio cria a si próprio, acessa sua memória e as coisas que viveu, deixa-se fissurar e queimar pelas chagas e afirma a todo instante que faz questão de que seu nome e sua história sejam escritos. Que deseja registrar o que pensa e continua a dar detalhes do modo único com que lida com a doença:

Eu conheço o caminho do vírus e o caminho da medicação no meu corpo. Eu sinto assim: o vírus é como preso em rebelião. Corre prá todo lado, quebra tudo, não tem controle, já a medicação é como a polícia e os agentes que depois da rebelião prende todo mundo nas celas. A medicação quando entra no meu corpo prende o vírus na cela. Mas eu vou dizer prá você, agora eu controlo o vírus e a medicação. Meu problema não é a doença é a droga. Maconha não, maconha me ajuda agüentar esse quadrado, mas a base... Mas você não pode entender como um preso precisa ficar louco. Agora eu to usando só droga. O remédio me deixa mal, eu fico com minha cabeça pesada, com diarréia e vômito toda hora, se eu vou morrer mesmo, prá que viver assim? Mas eu sei que posso mandar nessa doença, é que as vezes eu desanimo, porque eu queria que minha família viesse me visitar, queria saber onde está meu filho o Olavinho, queria uma mulher daquelas bem safadas com brilho no olho. As vezes eu até penso que uma mulher direita podia me ajudar a endireitar, mas mulher direita não vai querer um presidiário né? Você queria?

Desde a adolescência Fábio recorreu a loucura como artifício para transitar no espaço familiar – que considerava hostil –, e criar as condições necessárias para, sorrateiramente, escapar para os territórios que lhe seduziam.

Munido pelo discurso da loucura, a predileção de Fábio para a abjeção, em tese se justificava. Denominando-se louco, retirava de si a tarefa de explicar à família seu gosto pelo crime, assim como presenteava-se com um passaporte para um mundo inominável.

Tendo como referência os anos que passei transitando nas ficções que me apresentava, sentindo sua pulsão, navegando em seus estados mentais, arrisco apontar os estímulos que o levaram ao crime, e posteriormente à prisão, com aqueles que Genet expressa em seu diário:

não quero dissimular as outras razões que fizeram de mim um ladrão, a mais simples sendo a necessidade de comer; todavia em minha escolha jamais entraram a revolta, a amargura, a raiva ou qualquer sentimento desse tipo. Com um cuidado maníaco, “um cuidado ciumento”, preparei a minha aventura como se arruma uma cama, um quarto para o amor: eu tive tesão para o crime (1983: p. 13).

Caminhando entre excrementos, o corpo do homem que sente tesão pelo crime, desenvolve anticorpos e habilidades para lidar com as doenças que o acometem. Confinado há treze anos na Penitenciária Central do Estado tendo como cenário as grades enferrujadas, lixões povoados por baratas, ratos, gatos, homens contaminados com pneumonia, tuberculose, AIDS,

sífilis, gonorreia e tantas outras doenças, Fábio aprendeu a usar a arquitetura de concreto e a subjetiva a seu favor e, quem sabe, para fabricar a cura.

Sacrificar a saúde. Transformá-la em um lugar para pensar o funcionamento do corpo, o exercício da vontade de poder, os aparatos medicamentosos, a brevidade e/ou longevidade da vida, é também sacrificá-la por percebê-la como instrumento de luta, como possibilidade de construção de linhas de fuga.

O relato a seguir indica a persistência de Fábio em adquirir uma nova saúde:

Porque eu quero me casar. Não é porque eu tenho HIV que a vida acabou. Minha imunidade tá muito baixa, meu corpo tá sem defesa porque eu tô sem medicação. Eu tô em guerra com a enfermaria porque eu já queimei as cinco etapas do tratamento para AIDS e não me adaptei com nenhuma porque a reação da pílula é muito grande, tanto como a droga, você não para em pé depois que ingere ela. Agora eles tão me culpando, dizendo que eu não quero tratamento. Mas eu só quero um tratamento que eu consiga ficar de pé! Olha só! Eu tenho que fazer um exame de carga viral de seis em seis meses, eu nunca fiz. Eles chegam com a medicação e diz: toma aí! Eles nem sabem o que tem dentro de mim! Eu só quero saber o que tem dentro de mim. Eu acho que a minha medicação tem que tá comigo eu tome ela ou não. Você acha que eu não quero viver? Ontem eu vi o mundo cair em cima de mim. Achei que eu ia morrer porque eu tô sem a medicação, sem alimentação... Esta é a pior condena que eu já peguei em minha vida! Prá eu sobreviver até aqui foi muita coisa! Se você escrever tudo que eu falar dá uma revolução, e eu dou o meu aval prá você. Eu tô preso, querendo ou não, eu tenho direito de tratamento.

É a vontade de vida aliada a um querer-saber que faz com que Fábio teime em conhecer todo o fisiologismo de seu corpo, atentando de modo especial para suas vísceras, artérias, para o “thorubos” que ouve através de sua pele furunculosa.

A preocupação em conhecer o “funcionamento” de seu corpo está presente em toda sua narrativa. “Minha imunidade tá muito baixa, meu corpo tá sem defesa... Eu só quero saber o que tem dentro de mim”.

Mas há outros Fábio. Tantos quanto a imaginação permitir desenhar. Mesmo agora, tendo em mãos sua narrativa, com tudo o que quis dizer sobre si, ter recebido suas cartas, desenhos, “bereus”, ter visto a força da disciplina e da punição exercida sobre seu corpo e sua força de superação, não posso afirmar que Fábio tenha tido clareza sobre o fato de as fronteiras serem zonas de inteiração, de troca, de convivência, e não de distanciamento e impedimentos como os velhos conceitos da história e da geografia faziam crer. Os espaços fronteiriços possuem características fluídicas, maleáveis, que prezam a negociação. Este desconhecimento conceitual fez de sua vida uma grande lição sobre - o que recorrendo à Umberto Eco - nomeio de “protocolos ficcionais”, assim como permitiu que se valesse da intuição para que maliciosamente, experimentasse suas vivências e criasse não modelos conceituais de

aprisionamento da vida, mas que acessasse simultaneamente todos os lados de “fronteira” da vida transfigurando-a. Talvez por isso fosse tão difícil para quem o rodeava – senão de todo impossível –, delimitar seu discurso, instaurar a referência definidora dos espaços denominados como reais e ficcionais.

Fábio¹, por vezes confundiu-se entre tantos personagens que criava, com frequência as máscaras se misturavam, contudo seu talento teatral, sua disposição para a arte e para a transfiguração possibilitava que ao ser lembrando de uma das epopeias que narrara, logo incorporasse um ou outros personagens com as falas correspondentes.

Se auto declarava artesão, segundo ele trabalhara com bordado de chinelos, com trabalhos em madeira, gostava de mostrar sua letra e seu dom para escrita, assim escrevia longas cartas. Homem romântico, inventava histórias de amor, planejava uma vida, uma família, descrevia a casa que compraria, o modo como trataria sua futura esposa, falava das paixões que viveria, enfim criava coisas para aquecer-lhe a vida, disfarçar a solidão que o isolamento e a AIDS lhe impunham.

Fábio foi preso sob acusação de latrocínio. Consta em seu processo que teria cometido o crime na companhia de outros comparsas. O ato considerado especialmente cruel por ser seguido de violência sexual e outras degradações, teria como motivação o roubo de aproximadamente duzentos e cinquenta reais com a finalidade de adquirir droga. Segundo depoimento de testemunhas, ele e os demais já estavam drogados quando do latrocínio. Durante todo tempo de nossas conversas e convivência na prisão e mesmo quando esteve internado no setor de quarentena do PSM manteve a alegação de inocência. É certo que nunca foi minha preocupação descobrir a verdade sobre o crime e sua autoria, agir como juiz, mas perceber o que este homem queria dizer quando dizia o que dizia, que forças e para que desejos apontava em sua narrativa.

Descobri nas cartas abundantes que me endereçou, nas conversas informais, na observação de sua dor e das estratégias que criava para suportá-la, nas desavenças e conflitos que travou com outros prisioneiros, nas crises por ausência de droga, nas explosões de ódio, um homem educado e cruel, um homem feito para o jogo e para a encenação, um covarde, um manipulador, um homem sensível, solidário e cristão.

¹Repito o nome de Fábio Jone de Oliveira diversas vezes, atendendo seu desejo de se tornar livro, de entrar na universidade, de ter sua história conhecida. Sabia de seu anonimato social e desejava rompê-lo através do registro de sua narrativa e de seu nome.

A fé cristã, a certeza da existência de uma vida pós-morte, em uma possibilidade de redenção, era um espetáculo estranhamente interessante de observar. Diante de um pastor que lhe visitara uma ou outra vez Fábio era um homem contrito, que expunha suas fraquezas em meio às lágrimas, prostrado e em penitência se punha, mas assim que o religioso dava-lhe as costas trocava a Bíblia, o remédio e as poucas roupas com que fora presenteado, na boca. Exemplo de sua fé encontra-se neste fragmento de sua narrativa:

Nesse dia eu vi o agir de Deus na minha vida (...). Eu vi o agir de Deus porque algo dentro de mim dizia que eu não ia morrer aquele dia, enquanto que a multidão dizia que ia morrer depois da visita. Naquele dia uma senhora que era da Assembleia de Deus, uma mulher que não sabia o que tava acontecendo, e ela chegou sem mais nem menos e falou que Deus ia me tirar do laço de sangue e que se acreditasse no que ela tava falando, Deus ia me tirar antes das quatro horas, por isso que eu digo que é o agir de Deus. Aí quando foi três e quarenta e cinco o agente prisional disse para eu arrumar minhas coisas que eu tava vindo para uma audiência em Cuiabá. Quando eu cheguei na triagem da Mata Grande os seis que iam morrer comigo já tava tudo morto, o sétimo era eu. Deus existe, pode ter certeza.

Este homem foi antes de qualquer coisa uma multiplicidade em movimento, uma grande demonstração da legião que nos compõe. A cada conversa eu encontrava um homem diferente, mesmo que por vezes exigisse que eu reescrevesse uma ou outra parte de nossos escritos, pois pensava que havia se esquecido de algo importante, fundamental para que sua inocência pudesse ser provada, o modo como se sentava, como acomodava pés e mãos, como articulava as frases, entoava a voz, me apresentava sempre outro Fábio. Era como se eu me sentasse e assistisse a um filme onde muitos personagens se expusessem a admiração.

A ala em que foi confinado por tanto tempo, era denominada “Módulo de Aço ou Contêiner”, na linguagem corrente na prisão, era um “seguro”, uma ala destinada aos prisioneiros que tinham problemas de convivência por terem infringido o “código de honra” da cadeia, ou por terem cometido crimes sexuais. Fábio dizia estar nesta ala por ter matado um preso “considerado” pelos demais. Na primeira conversa que tivemos afirmou:

E olha vim parar na cadeia por um crime que eu nem tive participação. Um crime que aconteceu lá e eu já estava aqui. Por isso que eu tenho essa revolta. Por isso que eu quero falar para você. Eu quero que minha família saiba de tudo enquanto eu estou vivo. Um dia eles vão correr dentro dos meus direitos. (...) Por causa dessa doença eu tô no quadrado há dois anos. Sem Sol nem futebol, nada. Já me tiraram três vezes lá de dentro. Os presos não me querem lá porque eu atirei num preso, no IB, um integrante do PCC.

Mas permitamos que ele mesmo narre sobre o modo como o tempo transcorreu no quadrado (seguro), e sua condição junto aos demais prisioneiros:

As vezes os caras dizem: vamos levar o Fábio Jone para o Carumbé. Lá os presos falam:

Vamos quebrar tudo e pegar o Fábio. Aí me levam para Mata Grande, os caras também querem me matar. Até em Sinop que eu não conheço ninguém, os caras falaram: Aí o Fábio Jones tá aí, vamo pegar ele.

Apesar da aura de horror que cercava o crime do qual era acusado, Fábio insistia que esta não era a razão pela qual não era aceito no convívio com os demais, mas sim o fato de ter assassinado IB. A respeito deste acontecimento informa que:

Matei o cara com uma pistola ponto trinta e cinco, a arma veio... Na real a arma entrou desmontada, em três partes porque não cabia tudo na menina. Na verdade eu paguei a menina. Entrou introduzido nela. Não adianta baixar três vezes que não cai. Se você vê as coisas que as mulheres trazem... Se você vê os pacotes de droga! Eu mesmo não deixaria uma mulher minha colocar isso nela. Eu comprei a arma com o dinheiro da droga que eu vendia lá dentro: maconha, base, cocaína, mas quem me patrocinava mesmo com essa droga era o L. Tanto que a gurizada diz que ele mandou eu matar o IB, porque diziam que ele tinha força. E na verdade ele tinha a força porque ele comandava a droga lá, e ele tinha uma treta com o IB. O L. já era velho, era de idade, eu escapei, ele morreu na hora, lincharam ele, mas ele lutou para não morrer. Eu sai jogado senão eu tinha morrido também. Eu matei o cara por causa de dinheiro.

Após este crime Fábio não saiu mais da prisão. Segundo suas palavras, entrou com vinte anos de idade no sistema prisional e foi engolido. Se por um lado sua insistência em travar um enfrentamento aberto com os poderes-saberes instituídos na prisão o algemou definitivamente às grades por outro, o desconhecimento inicial sobre o funcionamento e o rigor das normas construídas pelos prisioneiros também não lhe foi perdoado, aprendeu na marra. Ele mesmo indica aquele que considerava ser o seu grande problema entre os prisioneiros:

Na verdade o pessoal cobra que eu devia ter chamado todo mundo e ter falado o que tava acontecendo. Hoje eu concordo plenamente. Eu devia ter entregue a arma pra polícia. Eu ia assinar um BO né? Porque eu ia ter que dizer de onde saiu a arma, mas quem sabe eu tinha ganhado um benefício da justiça e queimado com a malandragem. De qualquer maneira ia ser melhor do que agora. Na verdade eu devia ter pegado a arma, falado com todo mundo: aí gurizada, ele quer que eu mate ele porque tá acontecendo isso e isso, e ver o que o pessoal decidia. Na verdade eu atravessei da "J" pra "M", fui lá e catei ele. Chamei e falei: e aí IB? Ele olhou pra mim, a única coisa que eu falei foi: A gente se tromba no inferno! Aí com uma hora depois saiu eu ... e o velho L. todo estraçalhado.

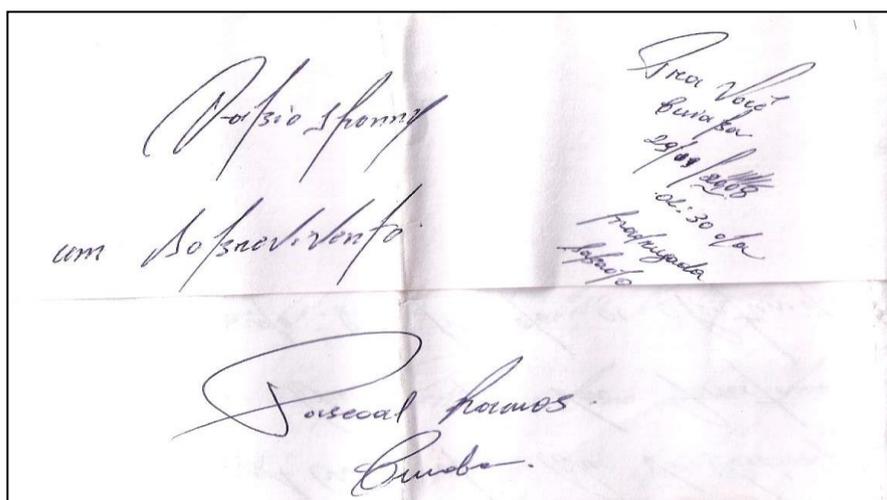
Dias atrás, já finalizada nossa escrita e a vida de Fábio, fiquei a pensar neste personagem tão forte, e decidi saber se algum rastro, além destes que transcrevo, restaram a indicar sua existência. Não era uma tentativa de prestar um tributo, nem de redimir algo, mas uma exigência dos afetos. Encontrei seu nome no site do Tribunal de Justiça de Mato Grosso. No processo em que fora acusado da morte de IB, consta que foi "absolvido".

Esta descoberta novamente leva à questão: o que ele quis dizer quando disse o que disse? Que forças o movimentavam? Que instintos estavam a alimentar? Que instintos eram saciados

na afirmação da autoria de um crime do qual fora absolvido? Se julgar necessário, responda o leitor.

Morrer na prisão era seu grande medo. Camisa enorme sobre o corpo esquelético, com um braço paralisado devido a leishmaniose, descalço, andando com dificuldade, amparando-se nas paredes da Casa da Mãe Joana, com a saliva escorrendo pelos cantos da boca, caminhando com muita dificuldade, falando de maneira quase ininteligível, assim encontrei-o pela última vez naquela casa de amparo à idênticos para onde fora mandado para morrer. Viveu ainda – aproximadamente três meses –, em um dia em que fui visitar-lhe um de seus companheiros de quarto perguntou-me por que Fábio havia sido preso. Olhando-me respondeu sem titubear: *Matei para roubar.*

Passo vez por outra em frente ao cemitério do Parque Cuiabá, sei que lá está a sepultura de Fábio e que seu nome está registrado na tumba, graças a sua própria ação em busca de um encontro com a história e ao auxílio do defensor público que impediu que fosse dado como indigente. A força de seu relato impede que seja mais um, ou de que me esqueça de sua grande saúde e da força transbordante que garantiu que escapasse daquilo que temia: o anonimato. Seu último grande ato eternizado, eternizando-o!



Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Notas do Subsolo*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GENET, Jean. **Diário de um Ladrão**. Tradução de Jacqueline Lawrence. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Poemas**. Tradução portuguesa Paulo Quintela. Coimbra: Centelha, 1986.

_____. **Ecce Homo: Como Cheguei a Ser o que Sou**. São Paulo: Martins Claret, 2002.

_____. **Ecce Homo: de como a gente se torna o que é**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

_____. **Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2006,

_____. **Escritos Sobre Direito**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2009, p. 168-169.

_____. **Assim Falava Zarathustra**. Col. Grandes Mestres do Pensamento. São Paulo: Formar Ltda. s/d.

RORTY, Richard. Ironia Privada e Esperança Liberal. In: **Contingency, Irony and Solidarity**; tradução Nuno Fonseca. Lisboa: Editora Presença, 1994.

_____. Autocriação e Filiação: Proust, Nietzsche e Heidegger. In: **Contingency, Irony and Solidarity**; tradução Nuno Fonseca. Lisboa: Editora Presença, 1994.

Como citar:

SCUDDER, Priscila de Oliveira Xavier. Homens de grande saúde. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, Vol. 01, nº. 01, p. 27-45, fevereiro de 2014. Disponível em: <www.transversos.com.br>. ISSN 2179-7528.